RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

A INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA É VIÁVEL?

IS INVOLUNTARY COMMITMENT VIABLE?

¿ES VIABLE LA INTERNACIÓN COMPULSIVA?

Reinaldo Gulsczka

Mestrando, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

E-mail: rgglusczka@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo revisar a literatura sobre habilidades sociais, dependência química e abuso de drogas. A pesquisa foi realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Psicologia (BVS-Psi), na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Portal de Periódicos da PUC/RS, especificamente na revista Psico. Os termos de busca utilizados foram "abuso de drogas", "dependência química" e "habilidades sociais e dependência química". A revisão da literatura revelou evidências claras de que indivíduos que abusam ou são dependentes de substâncias psicoativas podem apresentar déficits nas habilidades sociais, independentemente da substância usada e do transtorno relacionado, seja abuso ou dependência química.

Palavras-chave: Abuso de Drogas; Dependência Química; Habilidades Sociais.

Abstract

This article aims to review the literature on social skills, chemical dependency and drug abuse. The research was carried out in the databases of the Virtual Library of Psychology (BVS-Psi), in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and in the PUC/RS Periodicals Portal, specifically in the magazine Psico. The search terms used were "drug abuse", "chemical dependence" and "social skills and chemical dependence". The literature review revealed clear evidence that individuals who abuse or are dependent on psychoactive substances may present deficits in social skills, regardless of the substance used and the related disorder, whether abuse or chemical dependence.

Keywords: Drug Abuse; Chemical Dependency; Social skills.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo revisar la literatura sobre habilidades sociales, dependencia

CC BY

ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

química y abuso de drogas. La investigación se llevó a cabo en las bases de datos de la Biblioteca Virtual de Psicología (BVS-Psi), en la Scientific Electronic Library Online (SciELO) y en el Portal de Periódicos de PUC/RS, específicamente en la revista Psico. Los términos de búsqueda utilizados fueron "abuso de drogas", "dependencia química" y "habilidades sociales y dependencia química". La revisión de la literatura reveló evidencias claras de que los individuos que abusan o son dependientes de sustancias psicoactivas pueden presentar déficits en las habilidades sociales, independientemente de la sustancia utilizada y del trastorno relacionado, ya sea abuso o dependencia química.
Palabras clave: Abuso de Drogas; Dependencia Química; Habilidades Sociales.

1. Introdução

A dependência química é uma preocupação crescente e isso pode ser observado nos dados dos Levantamentos Domiciliares. Comparando as pesquisas de 2001 e 2005, em 2001, 19,4% da população das 108 cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes havia utilizado drogas ilegais ao menos uma vez, totalizando cerca de 9.109.000 pessoas. Em 2005, esse percentual aumentou para 22,8%, correspondendo a aproximadamente 10.746.991 pessoas. Esses dados ilustram a expansão rápida dessa problemática (CARLINI et al., 2006). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a dependência química é atualmente reconhecida como uma doença; no entanto, a OMS enfatiza que ela deve ser tratada tanto como uma doença médica quanto como um problema social (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2001).

Dentre as várias abordagens para compreender o abuso e a dependência de drogas, investigar o papel das habilidades sociais é de grande importância. As habilidades sociais englobam diferentes classes de comportamentos sociais que influenciam a qualidade e a eficácia das interações interpessoais. Essas habilidades podem ajudar os indivíduos a lidar melhor com situações de risco, funcionando como um fator de proteção contra o abuso e a dependência de drogas (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1999; ZANELATTO, 2013).

Portanto, é evidente que esse fenômeno está cada vez mais presente nas famílias brasileiras, exigindo novas formas de abordagem que integrem diversas áreas do conhecimento em seu tratamento. O objetivo deste artigo é realizar uma revisão bibliográfica de publicações científicas sobre habilidades sociais, dependência química e abuso de drogas, utilizando as bases de dados da Biblioteca Virtual de Psicologia (BVS-

CC BY

ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

Psi), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o Portal de Periódicos da PUC/RS na revista Psico, dos anos de últimos 2007-2012 inicio da expansão do crack no Brasil.

Objetivos Gerais

A dependência química é um fenômeno complexo que envolve aspectos físicos e mentais, resultante do uso contínuo de substâncias psicoativas. Ela é caracterizada por um comportamento de busca incontrolável pela substância, apesar das consequências negativas, tanto para aliviar o desconforto da abstinência quanto para buscar a sensação de prazer obtida na primeira experiência com a droga. Silva (2011) destaca que a dependência surge de uma complexa inter-relação entre cognição, comportamentos, emoções, relações familiares e sociais, influências culturais, além de processos biológicos e fisiológicos, configurando-se, portanto, como uma doença multifatorial.

Devido à sua natureza multifatorial, o diagnóstico da dependência química exige uma avaliação cuidadosa entre as classificações de uso, abuso e dependência para entender melhor os critérios diagnósticos e as formas clínicas da dependência. Nem todos os indivíduos que experimentam uma substância psicoativa (SPA) se tornam dependentes dela (REZENDE; RIBEIRO, 2013).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV-TR (APA, 2002) classifica os indivíduos como usuários abusivos ou dependentes de SPA. O abuso é identificado por um padrão de uso mal adaptativo que causa prejuízo ou sofrimento significativo em um período de 12 meses. Os sinais incluem falha em cumprir responsabilidades importantes, uso recorrente em situações perigosas, problemas legais e persistência no uso apesar de problemas sociais ou interpessoais causados pelo efeito da substância. Para diferenciar abuso de dependência, os sintomas de abuso não devem preencher os critérios de dependência, que envolvem tolerância, abstinência e comportamento compulsivo. Tolerância refere-se à necessidade de doses maiores para alcançar o efeito desejado ou à redução do efeito com a mesma quantidade de substância.

A abstinência é caracterizada por sintomas que surgem quando o uso da substância é interrompido ou reduzido, ou pelo uso contínuo da substância para aliviar ou evitar esses sintomas. Outros critérios de dependência incluem o uso da substância em maiores quantidades ou por mais tempo do que o pretendido, desejo persistente de reduzir

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

o uso sem sucesso, gasto excessivo de tempo para obter ou usar a substância e abandono de atividades importantes devido ao uso continuado, apesar da consciência dos problemas causados (APA, 2002).

O Código Internacional de Doenças - CID-10 (1993) também define a dependência química como um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos em que o uso de uma substância ou classe de substâncias se torna prioritário em relação a outros comportamentos que antes tinham maior valor. A característica central da síndrome de dependência é o desejo forte, às vezes irresistível, de consumir drogas psicoativas. O retorno ao uso após um período de abstinência pode levar ao reaparecimento rápido de outros aspectos da síndrome em comparação com indivíduos não dependentes.

A CID-10 permite a classificação detalhada entre uso nocivo à saúde, intoxicação aguda, síndrome de dependência, síndrome de abstinência, transtorno psicótico, síndrome amnésica e outros transtornos mentais e comportamentais, sem especificar o abuso de substância, que pode ser compreendido dentro do uso nocivo (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

Na literatura atual, coexistem diversas terminologias como dependência química, toxicomania, drogadição e adicção. Rodrigues e Nuno (2005) explicam que adicção vem do termo inglês "addiction", significando uma dedicação total ou apego, enquanto toxicomania origina-se do grego "toxicon", referindo-se ao veneno das flechas, e drogadição refere-se à adição de drogas no organismo (REZENDE; RIBEIRO, 2013).

A dependência química é um transtorno mental causado pelo uso de SPA. Desde 1964, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o termo dependência para substituir a nomenclatura pejorativa de vício (BENFICA; VAZ, 2003).

Dessa forma, esses são apenas alguns dos termos usados para nomear essa doença multifatorial. A diversidade de nomenclaturas reflete a multiplicidade de concepções e ideologias presentes na área. No entanto, para este artigo, será utilizado o termo "dependência química", enquanto o "abuso de drogas" será tratado como uma classificação dentro dos transtornos relacionados a substâncias, variando em gravidade.

Considerando os pontos discutidos até agora, é importante destacar que, como uma doença multifatorial, o tratamento da dependência química também deve ser multidisciplinar e interdisciplinar. Entre as diversas técnicas de tratamento, o treinamento de habilidades sociais pode ser um fator importante de proteção contra o consumo de drogas (WAGNER, 2010; RIBEIRO; YAMAGUCHI; DUAILIBI, 2012).

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

Para entender as Habilidades Sociais (HS), é fundamental compreender o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) e a origem de seus estudos. Segundo Del Prette e Del Prette (1999), o movimento do THS pode ter começado com Salter em 1949, que baseou-se nos achados de Pavlov sobre o reflexo condicionado, propondo que a vida era regida por três leis: excitação, inibição e desinibição. Posteriormente, Wolpe, em 1976, publicou "A Prática da Terapia Comportamental" e introduziu o Treinamento Assertivo para tratar a ansiedade. Na década de 1980, começaram as publicações sobre o Treinamento de Habilidades Sociais, enquanto as sobre Treinamento Assertivo diminuíram, marcando o início desse movimento importante.

Diversas correntes teóricas, como o Humanismo, a Teoria Sistêmica, a Teoria Cognitiva Comportamental e a Psicanálise, utilizam o THS (CABALLO, 2008; DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1999). No entanto, a Teoria Cognitiva Comportamental (TCC) apresenta um repertório mais amplo de técnicas, incluindo a reestruturação cognitiva, o manejo da ansiedade e o treinamento em resolução de problemas (CABALLO, 2002).

Sakiyama e Zanelatto (2011) afirmam que o objetivo do THS é aumentar a assertividade do indivíduo na gestão das situações sociais cotidianas. Caballo (2008) define as HS como comportamentos que ajudam o indivíduo a lidar com situações de relacionamento interpessoal, visando alcançar resultados desejados, mantendo a autoestima e respeitando os outros.

De acordo com Del Prette e Del Prette (1999, p. 47), as habilidades sociais podem ser definidas como "um constructo descritivo do conjunto de desempenhos apresentados pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal". Assim, as habilidades sociais são comportamentos necessários para o sucesso nas relações interpessoais.

Essas habilidades são aprendidas ao longo da vida e seu desempenho varia de acordo com o desenvolvimento de cada indivíduo. Aqueles que desenvolvem um repertório social saudável demonstram comportamentos como iniciar e manter conversas, falar em público, fazer elogios, pedir favores, aceitar respostas negativas, aceitar elogios, expressar sentimentos positivos e negativos, defender seus direitos, receber e fazer críticas, recusar pedidos e desculpar-se, entre outros (DEL PRETE & DEL PRETTE, 2001).

Portanto, desenvolver melhores respostas sociais e ser socialmente habilidoso em situações de risco pode aumentar os fatores de proteção e resiliência, colaborando com o

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

desenvolvimento humano e promovendo saúde e qualidade de vida (MURTA, 2005; ZANELATTO, 2013).

O abuso de drogas e a dependência química são considerados o terceiro transtorno psiquiátrico mais prevalente, estando associados a uma variedade de problemas sociais, familiares e de saúde. O tratamento desse transtorno multifatorial envolve diversas áreas. No entanto, a literatura atual indica que intervenções baseadas em modelos cognitivo-comportamentais, como o treinamento de habilidades sociais, são mais eficazes (MIGUEL; GAYA, 2013).

Pesquisas mostram que a falta de habilidade para lidar com certas situações está associada a um maior consumo de drogas. As principais dificuldades de habilidades sociais estão relacionadas a comportamentos e pensamentos como sentimentos negativos, pouca assertividade, baixo senso crítico, dificuldades em receber críticas, problemas na comunicação interna e externa, recusa de drogas, dificuldade em dizer "não" a si mesmo e aos outros, socialização, baixa tolerância à frustração, adiamento de prazeres, problemas em reconhecer e enfrentar situações de risco, manejo da fissura, falta de planejamento, entre outros (PINHO; OLIVA, 2007; ZANELATTO, 2013).

Estudos específicos com adolescentes mostram evidências de que adolescentes dependentes de substâncias psicoativas também podem apresentar déficits nas habilidades sociais (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2001; ZANELATTO, 2013; PADIN, RIBEIRO E SAKIYAMA, 2012).

Miguel e Gaya (2013) e Del Prette e Del Prette (1999) afirmam que a capacidade de um indivíduo de se adaptar ao meio social depende das estratégias que ele usa nas situações cotidianas. Se houver lacunas nesse processo, devido a fatores extrínsecos ou intrínsecos, podem surgir estratégias de enfrentamento disfuncionais que resultam em déficits nas habilidades sociais, que, por sua vez, podem estar associados a transtornos psicológicos e psiquiátricos. Essas dificuldades podem levar o indivíduo a buscar uma "fuga" através do uso de substâncias psicoativas, o que pode agravar ainda mais seu desempenho social (SCHEIER; BOTVIN; DIAZ; GRIFFIN, 1999).

Déficits em habilidades sociais podem se manifestar como baixa competência social e dificuldades específicas, como lidar com situações que ameaçam a integridade física e psíquica e na resolução de problemas (MIGUEL; GAYA, 2013). Em relação às habilidades sociais em dependentes químicos, Caballo (2006) enfatiza que a falta de

CC BY

ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

habilidades sociais pode contribuir para a dependência, principalmente pelo aparente fator de agregação ao grupo que as drogas proporcionam em diversos contextos sociais.

Miguel e Gaya (2013) observam que a falta de habilidades sociais necessárias para um desempenho social saudável pode estar relacionada ao uso ou abuso de drogas. Independentemente do motivo que causou o déficit nas habilidades sociais, o uso de drogas é visto por esses indivíduos como uma maneira de enfrentar a rotina, fortes pressões externas, frustrações, entre outros.

Como mencionado por Murta et al. (2009), os fatores de risco e proteção para o consumo de drogas incluem fatores psicológicos, influências do grupo, fatores externos como baixo nível socioeconômico, famílias desestruturadas ou com membros dependentes químicos. Isso é corroborado por Feldens (2009), que concluiu que familiares usuários de álcool são fatores de risco para adolescentes, que, através da observação e modelagem vicária, começam a consumir substâncias psicoativas. Portanto, essas famílias transmitem às gerações seguintes um modelo de habilidades sociais que influencia negativamente o repertório desses jovens.

Ainda sobre fatores externos, Del Prette e Del Prette (1999) elucidam que crianças que não desenvolveram habilidades assertivas de interação social em seus lares podem ter dificuldades em lidar com a rejeição ao tentar ingressar em grupos sociais desejados, o que pode levar a comportamentos disfuncionais, como violência e uso de drogas.

Portanto, do ponto de vista da promoção da saúde, os programas preventivos focam no treinamento de habilidades sociais como uma estratégia para aumentar a autoestima dos jovens, ensinando um novo repertório de estratégias sociais, que incluem habilidades de comunicação, recusa de convites para o uso de drogas, enfrentamento de fracassos, entre outras (WAGNER; OLIVEIRA, 2009).

Considerando esses aspectos, compreende-se a necessidade de que dependentes químicos sejam instruídos sobre a importância do manejo dessas habilidades sociais, principalmente aquelas que os aproximam dos fatores de proteção e os afastam dos fatores de risco.

2. Revisão da Literatura

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

Historicamente, substâncias químicas eram usadas em rituais religiosos para curar doenças, mas hoje, o consumo abusivo dessas substâncias é visto como uma doença que requer atenção assistencial. Um estudo de 2013 da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) revelou que cerca de 28 milhões de brasileiros convivem com um dependente químico. Além disso, observou-se que as mulheres frequentemente assumem o papel de cuidadoras desses dependentes, conciliando essa responsabilidade com outras atividades diárias (MONTEIRO, 2013).

As alterações comportamentais causadas pela dependência química afetam profundamente a dinâmica familiar. Mães e esposas de dependentes relatam que o medo é um sentimento constante, provocado por agressões físicas, situações de abandono e preocupações contínuas com o dependente. Essas situações geram impactos psicossomáticos significativos, como cefaleias, alterações de pressão arterial, estresse e transtornos de humor. Os filhos dos dependentes também são frequentemente vítimas de violência doméstica, o que pode resultar em dificuldades na fala, no aprendizado e na socialização (GONÇALVES; GALERA, 2010).

Os pais de dependentes químicos enfrentam estresse físico, mental e social, que pode levar à depressão, doenças somáticas, baixa autoestima, alta ansiedade e um medo contínuo de que seus filhos estejam em perigo. Sentimentos de desespero, culpa e dor são comuns, associados à percepção de terem falhado como pais (HUSSAARTS et al., 2012).

Essas experiências estressantes são semelhantes às enfrentadas durante períodos prolongados de adversidade, como guerra, desemprego prolongado, doenças crônicas ou outras condições desafiadoras (SLESNICK et al., 2013). As relações familiares conflituosas tornam o ambiente doméstico mais hostil e desarmônico, enfraquecendo os laços familiares. Portanto, é crucial analisar a sobrecarga imposta pelo cuidado ao dependente químico e avaliar o sofrimento dos familiares, que muitas vezes carecem de apoio e conhecimento (SOCCOL et al., 2014).

Apesar das dificuldades, a família é fundamental no processo de reabilitação do dependente químico. Uma barreira significativa ao tratamento é a falta de comprometimento da família, o que diminui as chances de sucesso na restauração de vínculos e no tratamento (LOPES, 2017a).

A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), criada em 2011, ampliou o acesso a serviços de atenção psicossocial através dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS),

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

ambulatórios, residências terapêuticas e hospitais-dia. A RAPS instituiu o atendimento multiprofissional, envolvendo enfermeiros, médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros, com atividades interdisciplinares que favorecem a integração dos serviços de saúde mental e a reintegração do indivíduo na comunidade (MACEDO et al., 2017).

Os CAPS oferecem um trabalho multidisciplinar, com profissionais atuando conforme suas competências específicas, facilitando o desenvolvimento terapêutico dos serviços prestados (FERNANDES et al., 2020). Os serviços especializados em saúde mental incluem atendimentos diretos e indiretos, como acolhimento, escuta, reuniões, visitas familiares, grupos de apoio e oficinas, que são essenciais para a socialização e fortalecimento de vínculos (SOUZA et al., 2012; XAVIER; MONTEIRO, 2013).

A participação de grupos familiares nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD) busca aproximar a família dos serviços de saúde mental, aliviando as tensões vivenciadas (ALVES et al, 2015). Estratégias terapêuticas devem ajudar as famílias a entender que a dependência química é uma doença crônica e oferecer suporte emocional para o manejo de recaídas e mudanças comportamentais em relação ao usuário (SILVA; GUIMARÃES; SALLES, 2014).

O tratamento de dependentes de álcool e outras drogas é um grande desafio para a equipe multiprofissional, exigindo uma abordagem que considere todos os aspectos da dependência química, envolvendo a família, a comunidade e conhecimentos teóricos de diferentes áreas (CAVALCANTE et al., 2012). A equipe multiprofissional deve atuar preventivamente, alcançando escolas, comunidades e serviços de saúde, destacando os efeitos nocivos do abuso de álcool e outras drogas (LOPES, 2017b).

É importante destacar que a sociedade passou por diversas transformações até alcançar a compreensão atual sobre drogas e entorpecentes. O uso de drogas é um dos problemas de saúde pública mais graves e comuns, afetando todas as classes sociais. É frequente o uso de substâncias lícitas e ilícitas desde a infância, especialmente entre crianças e adolescentes de famílias com histórico de uso de drogas e impulsividade (Laranjeira et al., 2020). Essa exposição familiar muitas vezes leva ao desenvolvimento de transtornos relacionados ao uso de drogas e a problemas sociais e familiares. Drogas são todas as substâncias que, quando introduzidas em um organismo vivo, podem alterar uma ou mais de suas funções cognitivas e comportamentais (Santos, 1997).

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

Alarcón (2012) observa que, ao longo do tempo, o termo droga passou a designar substâncias com ação farmacológica utilizadas em farmácia. Drogas psicoativas ou substâncias psicotrópicas afetam diretamente o cérebro, alterando principalmente o sistema nervoso central (Alarcón, 2012). Nem todas as drogas são prejudiciais; muitas são medicamentos úteis na medicina, mas tornam-se problemáticas quando usadas sem orientação profissional, sendo então chamadas de Drogas de Abuso (Cox, 1988).

Alarcón (2012) classifica as drogas psicoativas em três grupos: depressoras da atividade do sistema nervoso central (SNC), estimulantes do SNC e perturbadoras do SNC. A dependência química é caracterizada por sinais e sintomas que variam em graus, desde consumo leve até dependência grave, resultando em problemas sociais, físicos e psiquiátricos (Laranjeira et al., 2020).

Marçal (2017) define a dependência química como a situação em que a droga se torna tão essencial quanto alimentos e água para o dependente, sendo reconhecida pela Organização Mundial de Saúde como uma doença. Esta condição altera a estrutura e o funcionamento normais da pessoa (Marçal, 2017). A dependência química é um transtorno crônico do cérebro, com consequências devastadoras para indivíduos e sociedade (Laranjeira et al., 2020).

Estima-se que 30 milhões de pessoas no mundo sofram de transtornos decorrentes do uso de drogas, mas apenas uma em cada seis recebe tratamento. No Brasil, cerca de 5,7% da população é dependente de álcool, maconha ou cocaína, o que afeta aproximadamente 28 milhões de pessoas (Laranjeira et al., 2020). A dependência química é um problema que envolve importantes fatores biopsicossociais e exige tratamentos complexos e personalizados.

A American Society of Addiction Medicine define o vício como uma doença crônica que afeta a motivação, a memória e o comportamento, caracterizada pela incapacidade de abster-se consistentemente e pelo desejo compulsivo de uso (Gupta & Kulhara, 2007). O vício, assim como outras doenças crônicas, envolve ciclos de recaída e remissão, e sem tratamento pode levar à incapacidade ou morte prematura.

O termo substância psicoativa refere-se a qualquer substância que altera a percepção, comportamento ou funções cognitivas. Este termo não implica necessariamente em produção de dependência (Baconi & Bălălău, 2013). O uso

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

terapêutico de substâncias psicoativas é distinto do uso abusivo, que é caracterizado por compulsão e busca obsessiva pela substância.

O consumo de drogas pode variar de experimental, ocasional, habitual a compulsivo, cada um com suas consequências específicas (Laranjeira et al., 2003). A dependência física e psicológica apresenta diferentes sintomas, como abstinência e ansiedade, que reforçam o consumo (Crauss & Abaid, 2012).

Marçal (2017) ressalta que as causas da dependência são internas e não externas, e que sem tratamento adequado, a dependência química tende a piorar com o tempo. A impulsividade gerada pelo uso de drogas pode levar à manipulação e negação da realidade, dificultando o reconhecimento da dependência (Zago, 1996).

Conclui-se que a dependência química se desenvolve gradualmente e é crucial que os profissionais de saúde avaliem o padrão de consumo de substâncias para realizar intervenções preventivas e definir estratégias de tratamento adequadas (Laranjeira et al., 2020).

3. Considerações Finais

A presente pesquisa buscou demonstrar a importância da internação compulsória como forma de garantir o direito à saúde aos dependentes químicos, conforme estabelecido pela Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Esta lei aborda a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais e reformula o modelo assistencial em saúde mental, estendendo esses direitos também aos dependentes químicos, conforme previsto na Constituição Federal do Brasil e outras legislações que tratam da matéria.

A questão do consumo de substâncias psicoativas, especialmente aquelas que levam à dependência química, apresenta um grande desafio ao Estado brasileiro. Isso não se deve apenas ao número elevado de usuários de drogas no Brasil e no mundo, mas também aos impactos sociais decorrentes do consumo dessas substâncias.

Para alcançar o objetivo deste estudo, foi necessário compreender a evolução e os estágios da dependência química, analisando as principais drogas utilizadas e seus efeitos no organismo. Todas as drogas capazes de causar euforia ou aliviar a dor têm uma característica comum: atuam abruptamente no circuito de prazer ou recompensa, liberando dopamina. A dependência química, assim como qualquer outra doença crônica

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

progressiva, possui diferentes graus de gravidade e não é amplamente conhecida pela sociedade contemporânea.

A pesquisa revela que, embora existam usuários passivos de substâncias, todos estão potencialmente sujeitos à dependência química, o que pode dificultar a convivência social devido ao uso elevado de determinadas substâncias. A situação dos dependentes químicos exige uma abordagem além da simples recriminação, sendo fundamental o papel do Estado, conforme determina a Lei nº 10.216, que estabelece as condições de internação voluntária, involuntária e compulsória.

A internação compulsória é uma medida utilizada quando as opções terapêuticas se esgotam, sendo crucial em casos onde as famílias não possuem condições financeiras para um tratamento adequado. No entanto, o processo para obter a internação compulsória é complexo e demanda muito dos responsáveis pelo indivíduo, que muitas vezes não dispõem de tempo ou suporte psicológico para lidar com as exigências legais.

Apesar das leis relacionadas às drogas e à repressão, o tratamento dos dependentes e a saúde pública não acompanham a "evolução" legislativa, dificultando o trabalho de profissionais de saúde e confundindo profissionais jurídicos. As ideias proibicionistas do século passado ainda influenciam a política de drogas no Brasil.

Os esforços do setor de saúde mental para regular os procedimentos de tratamento, como valores pagos por diárias e pareceres técnicos, enfrentam desafios práticos e burocráticos que impedem a plena implementação das normas legais. Órgãos fiscalizadores, como o Ministério Público e conselhos gestores de políticas públicas, muitas vezes não têm acesso às informações necessárias para monitorar as internações.

A pesquisa destaca que, apesar do foco no dever do Estado de utilizar a internação compulsória para assegurar o direito à saúde dos dependentes químicos, é crucial reconhecer o impacto devastador da dependência química nas vidas dos indivíduos e suas famílias, que também precisam de atenção do Estado.

Em conclusão, a internação compulsória é fundamental para proteger o direito à saúde dos dependentes químicos. Embora existam diferentes opiniões sobre sua constitucionalidade, a prioridade é garantir a saúde e a vida dos indivíduos. Portanto, a internação compulsória se justifica e é necessária, atendendo aos direitos e princípios constitucionais ao enfrentar a problemática da dependência química.

CC BY

ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

Referências

ALVAREZ, A. M. Fatores de risco que favorecem a recaída no alcoolismo. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, v. 56, n. 3, p. 188-193, 2007.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. [S.I.]: Pioneira, 1998.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA - APA. DSM IV – TR. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Trad. Cláudia Dorneles. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BARKIN, S. L.; SMITH, K. S.; DURANT, R. H. Social skills and attitudes associated with substance use behaviors among young adolescents. Journal of Adolescent Health, [S.I], v. 30, p. 448-454, 2002.

BENFICA, F. S.; VAZ, M. Medicina Legal Aplicada ao Direito. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CABALLO, V. Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento. São Paulo: Santos, 2008.

CABALLO, V. Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais. São Paulo: Santos, 2002.

CAMPOS, T. N.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. P. A. (Sobre)vivendo nas ruas: habilidades sociais e valores de crianças e adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 517-527, 2000.

CARLINI, E. A. et al. II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2006.

CUNHA, S. M.; PEUKER, A. C.; BIZARRO, L. Consumo de álcool de risco e repertório de habilidades sociais entre universitários. Psico, v. 43, n. 3, p. 289-297, 2012.

CUNHA, S. M. et al. Habilidades sociais em alcoolistas: um estudo exploratório. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 31-39, 2007.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia, Educação e Trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes, 2001.

EDWARDS, G.; MARSHALL, E. J.; COOK, C. C. H. O tratamento do alcoolismo: um guia para profissionais da saúde. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

FALCONE, E. O. Contribuições para o treinamento de habilidades de interação. In: GUILHARDI, H. J. (Org.). Sobre comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento. Santo André: Esetec, 2002. p. 91-104.

FELDENS, A. C. M. Avaliação das funções executivas no dependente do álcool. 2009. 68 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, 2009.

FUMO, V. M. S. et al. Produção científica em habilidades sociais: estudo bibliométrico. Revista Brasileira de Terapias Comportamentais e Cognitivas, São Paulo, v. 11, n. 2, 2009.

GIGLIOTTI, A.; BESSA, M. A. Síndrome de Dependência do Álcool: critérios diagnósticos. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v. 26, supl. 1, p. 11-13, 2004.

MIGUEL, A. Q. C.; GAYA, C. M. Técnicas e terapias comportamentais aplicadas ao tratamento da dependência química. In: LARANJEIRA, R.; ZANELATTO, N. A. (Org.). O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 313-330.

MURTA, S. G. Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 283-291, 2005.

MURTA, S. G. et al. Prevenção primária em saúde na adolescência: avaliação de um programa de habilidades de vida. Estudos de Psicologia, Natal, v. 14, n. 3, p. 181-189, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Transtornos devido ao uso de substâncias. In: Organização Pan-Americana da Saúde; Organização Mundial da Saúde (Orgs.). Relatório sobre a saúde no mundo: saúde mental, nova concepção, nova esperança. Brasília: Gráfica Brasil, 2001. p. 58-61.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993.

PADIN, M. F. R.; RIBEIRO, M.; SAKIYAMA, H. M. T. Prevenção da recaída e treinamento de habilidades sociais. In: RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. O tratamento do usuário de crack. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 337-350.

PINHO, V. D. de; OLIVA, A. D. Habilidades sociais em fumantes, não fumantes e ex-fumantes. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 2007. Não paginado.

RAMOS, S. de P.; BERTOLOTE, J. M. Alcoolismo hoje. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REZENDE, E. P.; RIBEIRO, M. Critérios diagnóstico de uso nocivo, abuso e dependência de substâncias. In: LARANJEIRA, R.; ZANELATTO, N. A. (Org.). O tratamento da

CC BY

ISSN 2674-8584

Received: 18/07/2026 - **Accepted:** 13/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/shx78j37
Pages: 1-15

dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 33-42.

RIBEIRO, M.; YAMA GUCHI, S.; DUAILIBI, L. B. Avaliação de fatores de proteção e de risco. In: RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. O tratamento do usuário de crack. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 226-238.

RODRIGUES, D.; NUNO, F. Dicionário Larousse da Língua Portuguesa. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

RODRIGUES, V. S.; SILVA, J. G. da; OLIVEIRA, M. S. Habilidades sociais e tabagismo: uma revisão de literatura. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 63, n. 1, p. 31-41, 2011.

SANTOS, M. S. D. dos; VELÔSO, T. M. G. Alcoolismo: representações sociais elaboradas por alcoolistas em tratamento e por seus familiares. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 12, n. 26, p. 619-634, 2008.

SAKIYAMA, H. M. T.; ZANELATTO, N. Terapia Cognitivo Comportamental das Habilidades Sociais e de Enfrentamento. In: DIEHL, Alessandra et al. Dependência Química: prevenção, tratamento e políticas públicas. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 288-300.

CC BY